



Turismo em Festejos Populares: o caso da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - GO

Ronypeterson Morais Miranda ¹
Ademir Luiz da Silva ²

RESUMO:

A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis-Goiás vem recebendo grande número de pesquisadores e turistas. Logo, o presente artigo é uma releitura dos dados obtidos a partir de formulários aplicados com turistas durante os festejos em louvor ao Divino Espírito Santo em Pirenópolis-Go nos anos de 2010 e 2013, visando de forma sucinta expor o perfil e a visão que esse turista tem frente a esse festejo popular. Os dados aqui expostos resultam do esforço dos integrantes do Grupo de Pesquisa Canela D'Éma, vinculado à Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pirenópolis no Projeto de Iniciação Científica: Pesquisa em Demanda Turística em Pirenópolis: análise de dados, desenvolvido pela Professora Dra. Tereza Caroline Lôbo e seus orientandos.

Palavras chave: Turismo; Cultura; Festa do Divino; Pirenópolis.

¹ Mestrado em Andamento em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Brasil. ronyrpn92@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Docente da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Brasil. ademir.hist@bol.com.br

Na atualidade, o Turismo não é apenas algo desenvolvido exclusivamente em função do lazer; devido à sua flexibilidade e capacidade de interferir de forma direta e indireta em aspectos reacionários da economia, da cultura e do bem-estar social, esse setor vem ganhando olhos para os estudos em diversas áreas das Ciências Sociais e Humanidades. Análises essas que visam explicar como a interação entre povos pode gerar aspectos positivos e negativos. Desta forma, pensar a atividade turística enquanto fenômeno crescente no século XXI implica um olhar peculiar, pois, para tentar analisar os efeitos que a mesma causa na vida cotidiana, sejam eles na economia, no modo de vida ou na participação de festividades populares de uma dada comunidade requerem, do pesquisador, uma vivência não efêmera dessa interação que se dá no espaço e no tempo presente. Não basta apenas possuir embasamento teórico científico das Ciências Sociais e Humanas sem antes saber como aplicá-las às singularidades locais.

Assim posto, o presente artigo visa, de forma breve abordar um breve histórico da atividade turística desenvolvida no município de Pirenópolis, Goiás; trazendo também, a partir da historiografia, o surgimento de sua Festa³ maior comemorada anualmente na cidade – a Festa do Divino Espírito Santo. Apresentar-se-á da mesma forma, resultados observados a partir da interação entre o visitante e o morador local durante essa dada Festividade; informações estas obtidas a partir de formulários aplicados pelo Grupo de Pesquisa em Gastronomia e Turismo Canela D’ema, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pirenópolis, em 2010 e 2012.

É salutar informar que a presente análise, apesar de usar como fonte de pesquisa o banco de dados do citado grupo de pesquisa, contribui com o enriquecimento de uma dissertação que está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Terrado – TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Ciências Sócio Econômicas e Humanas, em Anápolis – GO, sob orientação do Professor Doutor Ademir Luiz da Silva. A forma integral dos dados obtidos pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Canela D’Ema, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pirenópolis assim como a análise do perfil socioeconômico e cultural do visitante da cidade de Pirenópolis estão apresentados em outro artigo científico recentemente publicado em outro periódico acadêmico⁴.

³ Nota-se que ao escrever a palavra festa com “F” maiúsculo, referimos à Festa do Divino Espírito Santo enquanto manifestação cultural pirenopolina. As demais festividades, estas escritas com “f” minúsculo se refere às festividades alheias à aquela cuja é reconhecida como Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, desde 2010.

⁴ Lobo TC, Silva AMC da; Miranda RM, Triers Filho LE, Lobo SB 2014. Perfil do Turista que frequenta Pirenópolis/Goiás. In: Revista Plurais – Virtual. V. 4, n. 2.

O MUNICÍPIO, A FESTA E O TURISMO

Lançando um olhar histórico sobre as origens da atividade turística, verifica-se que, embora não se aplicasse o conceito atualmente cunhado, a espécie humana já viajava/deslocava-se desde quando era nômade e precisava sair em busca de alimentos e abrigo. A questão é que não se fazia isso por lazer, como é feito atualmente (Oliveira & Yasoshima 2002). Entretanto, quando esses deslocamentos começaram a ter outro caráter, como, por exemplo, o de catequização e conquista de territórios durante as Cruzadas na Idade Média, essa prática desenvolveu um importante papel na descoberta de novas terras, onde mais tarde, essa curiosidade de expandir horizontes seria um dos meios pelo qual o Brasil foi alcançado pelos europeus.

Mais tarde, durante o período renascentista, surge o primeiro termo de turismo, este cunhado e difundido na Inglaterra e na França em meados do século XVII. Em dada época, a prática de viajar era associada ao ato de buscar o conhecimento acadêmico erudito, popularmente conhecido como O Grand Tour. Desta forma, traçando um paralelo entre os acontecimentos no Mundo Velho e o Mundo Novo, enquanto na Europa se desenvolvia, em certos aspectos, Turismo; além de dar um grande salto com relação ao desenrolar da Revolução Industrial, no Brasil Colonial, era praticada a exploração de minérios sob regime de colônia. Apenas no final do século XVII e início do XVIII, a exploração de minérios na região do Centro Oeste foi iniciada, onde em pouco tempo, esses pequenos núcleos mineratórios tornaram-se núcleos populacionais importantes, dando origem às cidades mais antigas do Estado de Goiás, como por exemplo: Cidade de Goiás, antiga Vila Boa; Santa Cruz; e Pirenópolis, antiga Meia Ponte.

Todavia, enquanto Goiás estava em seus primórdios fundantes, na Europa, precisamente na Inglaterra do século XVIII, o surgimento da máquina a vapor e o desenvolvimento dos transportes marítimos revolucionaram os conceitos de deslocamento, sendo esse marco, um dos grandes responsáveis por facilitar não apenas a forma de condução dos viajantes, mas também de tornar-se a grande percussor da expansão do comércio em si.

1727 às margens de rios verificava-se a descoberta de mais uma mina de exploração, esta denominada de Meia Ponte, onde nos confrontes da serra dos Pireneus, o companheiro de Bueno, Manoel Rodrigues Tomar encontrara uma nova jazida para ser explorada (Palacin 1994), mais tarde denominada Pirenópolis. Durante o clímax da atividade aurífera quem em Pirenópolis durou cerca de 27 anos ou mais, ao contrário do auge de outras mediações de Goiás que duraram cerca de 50 anos (Almeida 2009), o povoado de Meia Ponte desenvolveu-se melhorando não só sua economia, como também sua estrutura arquitetônica, possuindo diversas igrejas e casarões.

O Arraial de Meia Ponte, até meados do século XVIII, contava com cinco igrejas. A Matriz, tendo como filiais: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, erigida entre 1743 e 1757 pela irmandade de mesmo nome; a Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, sem data precisa de construção, mas foi a terceira a ser edificada; a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, construída entre os anos de 1750 e 1754; e a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte da Lapa, erigida pela extinta Irmandade de Nossa Senhora da Lapa dos Pretos Livres, fundada em 1760 (Curado Lôbo 2011 p. 83).

Pirenópolis, antigo Mina de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, foi fundada no século XVIII e faz parte de um total de mais de dois terços dos vários núcleos populacionais surgidos de atividades mineratórias e agropastoris na antiga província goiana; hoje estados de Goiás e Tocantins (Almeida 2009). Apesar de já existirem diversas civilizações nativas em terras do Brasil Central anteriores ao processo de colonização, levou mais de duzentos anos até que a primeira bandeira pisasse em solos dessa região do país, sendo que os paulistas teriam sido os primeiros a percorrerem o citado território, cujo trajeto seguiu desde o Araguaia até o Tocantins. As bandeiras que vinham para as novas terras eram expostas às doenças, à fome, às feras e tribos indígenas selvagens, pois os bandeirantes eram encorajados pela cobiça e tinham como um dos objetivos específicos o ouro (Jayme 1971).

Durante esse período áureo, várias festividades pirenopolinas tiveram início, essas de maioria do catolicismo popular com base na herança portuguesa presente na cidade. Entretanto, quando se coloca o desenvolvimento da atividade turística sob os olhares históricos, nota-se que o mesmo só foi possível a partir de uma grande revolução nos conceitos sociais, surgindo, assim, a divisão das classes, o conceito de lazer em discrepância do trabalho, enquanto que, em Goiás difundia-se atividade aurífera baseada na escravidão. Depois de quase um século do processo colonizador com base mineratória e agropastoril em Goiás, na Europa, precisamente em 1841, Thomas Cook já elaborava e colocava em prática um plano turístico que incluía a viagem de cerca de 500 pessoas de variados tipos, onde diante dessa situação, a empresa do jovem inglês de 32 anos começava a ter reconhecimento.

Nesse período em Pirenópolis, com o declínio da atividade mineratória, o povoado presenciou um processo de migração para a zona rural, sendo forçado a desenvolver outras atividades econômicas, firmando-se no comércio e na agropecuária (Oliveira 2011). O fato de a cidade ter sido cruzada por duas rotas comerciais muito importantes da época, provavelmente facilitou se desenvolvesse. Sob esse novo contexto que moldava a cidade, O engenho de São Joaquim na direção do Comendador Joaquim Alves de Oliveira foi um importante produtor de açúcar e algodão, cujo comércio dos mesmos possivelmente não permitiu com que a cidade estagnasse economicamente (Assis 2007).

Algo muito significativo que movimentava a cidade mesmo em época transição de atividades econômicas era seus festejos populares, sendo um deles a Festa do Divino Espírito Santo, cultuada até os dias atuais e de grande valor simbólico e identitário para os pirenopolinos. A festa que segundo

pesquisadores como Cascudo (1978), Brandão (1978), Maia (2002) e Silva (2001) datada século XIII, foi instituída em Portugal com o auxílio do Rei D. Luiz e da Rainha Izabel foi instituída em 1296. Já no Brasil, os indícios de comemorações em louvor ao Divino começaram a aparecer no período colonial, sendo que em Pirenópolis pode ter sido introduzida ao cotidiano dos moradores locais juntamente com a fundação da cidade. Porém, seu registro oficial é do século XIX, quando

aquela festa cristã que foi introduzida, na segunda metade do século XVIII, a serem precedentes informações que nos foram prestadas por pessoas cuja existência datada dos primórdios do século XIX [...] a despeito de perseverantes e cuidadosas indagações, notícias exatas, anteriores ao ano de 1819, dessa festa popular, para, para qual ocorrem prosélitos de todos os pontos do município e das povoações vizinhas. (Jayme 1971 p. 610).

É salutar apontar também que, a vinda da família real ao Brasil em 1808 e, posteriormente a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, resultou no aumento de viajantes europeus pelo país. Pois, embora a vinda dos viajantes europeus ao país não seja considerada atividade turística propriamente devido ao fato do termo Turismo ter sido cunhado no modelo tal qual o conhecemos apenas na atualidade, a vinda desses viajantes foi um importante acontecimento que resultou não apenas nos registros historiográficos feitos sobre o país como também deixou, especificamente documentação de Goiás enquanto Província, o qual contou com a presença de naturalistas como Saint-Hilaire e Pohl.

No início do século XIX, as nações que já vivenciavam os efeitos da Revolução Industrial voltaram seus interesses para as regiões do globo ainda inexploradas, depositando grandes expectativas no conhecimento de outros cenários naturais distintos dos seus – o que denominava um domínio racional sobre o meio natural. Isso explica o interesse pela exuberante biodiversidade tropical brasileira, cujo desenvolvimento seria realizado por diversos naturalistas europeus mediante viagens exploratórias de cunho ‘filosófico’ (Corrêa 2001 p. 78).

Tais viajantes não apenas registraram as festividades que outrora existia em Goiás, a visão gerada por esses naturalistas foi responsável pela criação do “complexo do goiano adorador do ócio”, para o qual “nada era urgente ou inadiável a não ser libertar o tempo para o ócio, para inúmeras destas do campo ou do arraial (Bertran 1998 p. 13), ou da visão de decadência exposta pelos naturalistas, os quais apontavam “os péssimos caminhos, fazendas abandonadas, engenhos em ruínas, arraiais despovoados. Enfim, a decadência retratada em tudo [...]” (Moreyra 1987-88 p. 164).

Todavia, esse complexo de inferioridade, de atraso e essa identidade de goiano apreciador do ócio foi desconstruída com Bertran (1998) e por Chaul (1997) qual justificou que a decadência do ouro, a sociedade goiana passou por um processo de readaptação. Na antiga Meia Ponte, hoje atual Pirenópolis esse período de quase um século, o município não só consolidava suas atividades agropecuárias como também estruturava o seu comércio.

Já no século XX, com relação às atividades comerciais, Pirenópolis sofre um processo de migração significativo devido a dinamização de novos centros urbanos como Anápolis e Goiânia. Segundo Polonial (2006) e Chaul (2001) em 23 de março de 1937 a capital do estado de Goiás foi transferida para Goiânia. Com o crescimento e o desenvolvimento acelerado dos centros urbanos e a transferência da capital do estado de Vila Boa, atual Cidade de Goiás, para Goiânia, o déficit de uso das rodovias que interligavam Pirenópolis a outras cidades hipoteticamente teria aumentado, provocando assim a deterioração das rodovias e a falta de manutenção das mesmas.

O citado quadro econômico da cidade apenas se reverteu com a inauguração da capital federal, Brasília, no início da década de 1960 e com o desenvolvimento de outra atividade econômica, a exploração de rochas ornamentais, ou seja, o quartzito. O mesmo veio a fazer parte da renda dos moradores da cidade. Segundo Faleiro e Lopes, as “atividades de exploração do quartzito alicerçam a economia local impulsionada pelo expressivo número de empregos diretos e indiretos e divisas geradas ainda que a mineração ilegal seja fato comum” (2010 p. 149).

Não obstante, vale ressaltar que a exploração das pedras não foi a única atividade econômica que surgiu recentemente. O turismo, mesmo se tratando de uma prática desenvolvida há anos no Brasil, veio somente aparecer de forma significativa no município em meados dos anos de 1970 (Batista 2002), data que coincide com o grande boom turístico mundial, período em que houve um aumento vertiginoso de 1950 a 1973 (Oliveira & Yasoshima 2002). Todos esses acontecimentos resultaram na formação dos pilares que sustentam a economia pirenopolina nos dias atuais, além de promover as identidades culturais aí presentes. O turismo no contexto da cidade serviu como um novo meio de desenvolvimento, pelo qual é gerada a renda de parte dos cidadãos.

A FESTA E A ATIVIDADE TURÍSTICA

De fato, a visibilidade da Festa do Divino de Pirenópolis é, sem sombra de dúvida uma das maiores do país. Elemento integrante da cultura local, esse festejo movimentou de forma frenética o município por aproximadamente dois meses. Realizada na cidade desde 1819, tal manifestação do catolicismo popular passou por diversos processos de adaptação até chegar ao formato que hoje é registrado como Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro pela Iphan (Iphan 2010).

Hoje, a Festa conta não apenas com a parte ritualística e religiosa, como também incorporou com o decorrer dos anos, expressões culturais dos festejos populares dos negros, como é o caso do Juizado de São Benedito e o Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Ainda conta com a tradição teatral,

essas representadas pela Cavalhadas⁵, presente na Festa desde 1826 e o auto natalino: As Pastorinhas, encenada em Pirenópolis pela primeira vez em 1923. Também pertence ao mosaico de tradição dos festejos em louvor ao Divino, os Mascarados, os Congos, as Folias que percorrem tanto o meio rural quanto o urbano, além dos elementos sonoros que envolvem a centenária Banda de Música Phoenix, Banda de Couro dentre outros folguedos.

Entretanto, a pergunta motriz que rege esse estudo é a de como o turista ou visitante vê as celebrações do Divino. Para isso, foram aplicados formulários estruturados com perguntas abertas e fechadas, nos possibilitando uma análise de dados de forma qualitativa e quantitativa. Salienta-se aqui que os formulários foram aplicados durante os festejos da Cavalhadas de Pirenópolis no ano de 2010. A mesma contou com um universo de amostragem de 87 formulários com 14 questionamentos aplicados do dia 22 a 29 de maio de 2010, pelos acadêmicos do 1º ano do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pirenópolis.

Em 2012, a pesquisa é realizada novamente, entretanto com um formulário mais elaborado contando com 25 questionamentos. Os formulários foram aplicados do dia 26 a 30 de maio de 2012, mais uma vez durante as Cavalhadas, pelos acadêmicos do 1º ano do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Estadual de Goiás, Campus Pirenópolis. Essa nova amostragem contou com um universo de 45 formulários.

Os formulários fizeram parte do Projeto de Iniciação Científica desenvolvido pela Professora Doutora Tereza Caroline Lôbo, desenvolvido de 2011 a 2012. As atividades que integravam a agenda do Grupo de Pesquisa Canela D'Ema visava analisar as informações referentes à demanda turística e o perfil social, econômico e cultural dos turistas que visitavam Pirenópolis, buscando conhecer a demanda efetiva que ocorre no município. A coleta de dados já é realizada pelos acadêmicos do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, desde 2009, foi contabilizada, tabulada e digitalizada.

É salutar informar que os formulários não foram aplicados apenas durante as festividades do Divino. Como parte do cidadão projeto, os acadêmicos do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo e os bolsistas de iniciação científica coletaram dados que dizem respeito ao Canto da Primavera, Carnaval, Semana Santa, além de aplicar formulários em áreas de campings e atrativos turísticos da cidade. Mas para esse artigo, usar-se-á apenas os formulários que dizem respeito à Festa do Divino.

Um dos primeiros aspectos abordados com relação a esses visitantes foi a origem dos mesmos. De fato, no ano de 2010, a maioria daqueles que responderam aos formulários pertencem ao

⁵No presente artigo, a Cavalhadas é entendida como uma festa, desse modo optou-se por referir-se a ela no singular onde as concordâncias seguiram no singular.

Estado de Goiás, em número expressivo originados de cidades circunvizinhas a Pirenópolis, o que reforça o discurso de que a Festa do Divino de Pirenópolis trata-se de um festejo popular regional. Dos 87 entrevistados, 57% dos visitantes são goianos e 29% são do Distrito Federal o que reforça tal de discurso.

Não obstante, nota-se a existência de visitantes que estão fora da Região Centro Oeste, sendo eles originários do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. É salutar expor que com relação aos formulários também aplicados durante as Cavalhadas no ano de 2012, o número de visitantes de outros estados aumentou. Dos 45 formulários aplicados 47% eram do Estado de Goiás. Ou seja, 53% dos demais visitantes tiveram uma significativa jornada de deslocamento interestadual. Alguns dos entrevistados, nem pertenciam a Unidades Federativas Brasileiras. Ou seja, 9% dos visitantes entrevistados em ocasião das Cavalhadas de 2012 eram de outros países.

Outro aspecto abordado na pesquisa foi o motivo da viagem. Em 2010, dividiu-se o número de respostas pelo número de entrevistados, onde cada um dos 87 entrevistados apontava ter 1,3 motivos para estarem em Pirenópolis na referida época. Dentre os motivos de Gastronomia, Atrativos Naturais e Visitas a amigos e/ou parentes, o evento – Festa do Divino Espírito Santo, foi o motivo de 49 entrevistados para estarem no município em referida época. Ressalta-se também, que os Festejos em Louvor ao Divino constam como feriado municipal, mas não é feriado em Brasília ou Goiânia, grandes emissoras de visitantes durante os festejos, o que nos leva propor a hipótese de que as celebrações por elas mesmas atraem visitantes na categoria de atrativo turístico. Em 2012, dos 45 entrevistados, 20 apontam que estavam em Pirenópolis devido às festividades.

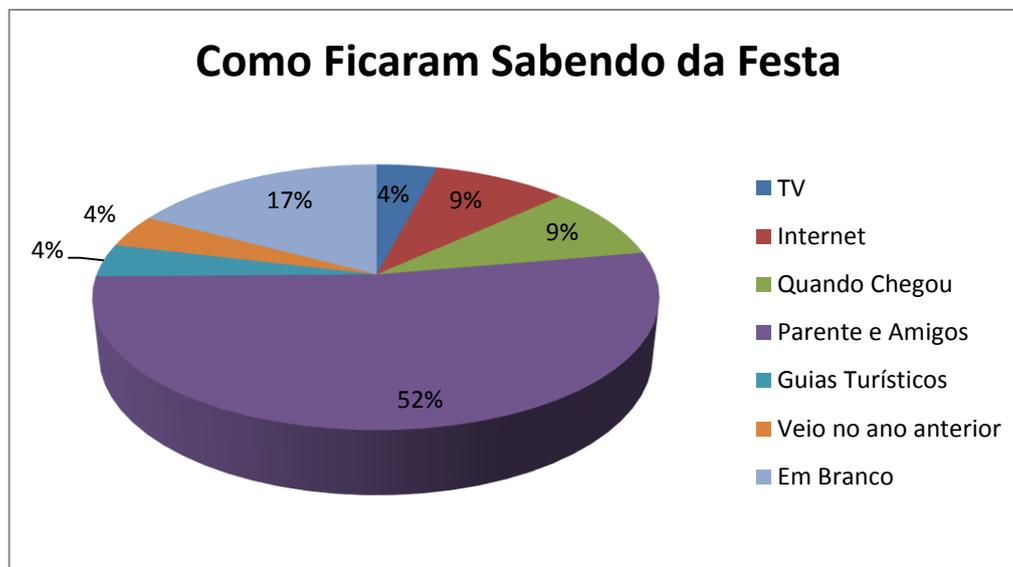
É importante perceber, o número de pernoites desses visitantes durante à Festa estudada, pois, como foi percebido e exposto a partir de pesquisas acerca do perfil socioeconômico e cultural daqueles que visitam Pirenópolis, trata-se de um fluxo turístico concentrado nos finais de semana, com ápice no sábado e domingo, Assim,

ainda analisando o perfil desse turista visitante das Cavalhadas, pode-se acrescentar que em 2010 57% dos entrevistados viajavam acompanhados ou do companheiro ou da família. Número que em 2012 aumentou para 62%. Entre os entrevistados verificou-se também que, em 2010, a maioria deles (57%) se hospedavam em hotéis [...].Do número de pernoite 78% dos entrevistados em 2010 ficaram entre dois e três dias na cidade. Já em 2012, 55% dos entrevistados fizeram uso de mais de três pernoites (Lôbo, Silva, Miranda, Triers Filho, Lôbo 2014).

Outra questão levantada pelos formulários aplicados em 2012 foi como os visitantes ficaram sabendo dos Festejos. Nota-se que dos 45 que responderam, 22 não sabiam ou conheciam a Festa do Divino, o que nos leva a concluir que quase metade dos participantes ali entrevistados chegaram a Festa pela primeira vez. Assim, visamos analisar outro dado. Como os visitantes ficam sabendo da Festa do

Divino Espírito Santo. Na figura 01 a seguir é exposto que 52% dos visitantes ficaram sabendo da Festa através de amigos e/ou parentes. Outras formas de propagação são inventariadas, porém, é possível perceber a diferença de alcance entre elas.

Figura 01. Como os visitantes ficaram sabendo da Festa do Divino



Fonte: Banco de Dados do Grupo de Pesquisa em Turismo e Gastronomia Canela D'Éma da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pirenópolis.

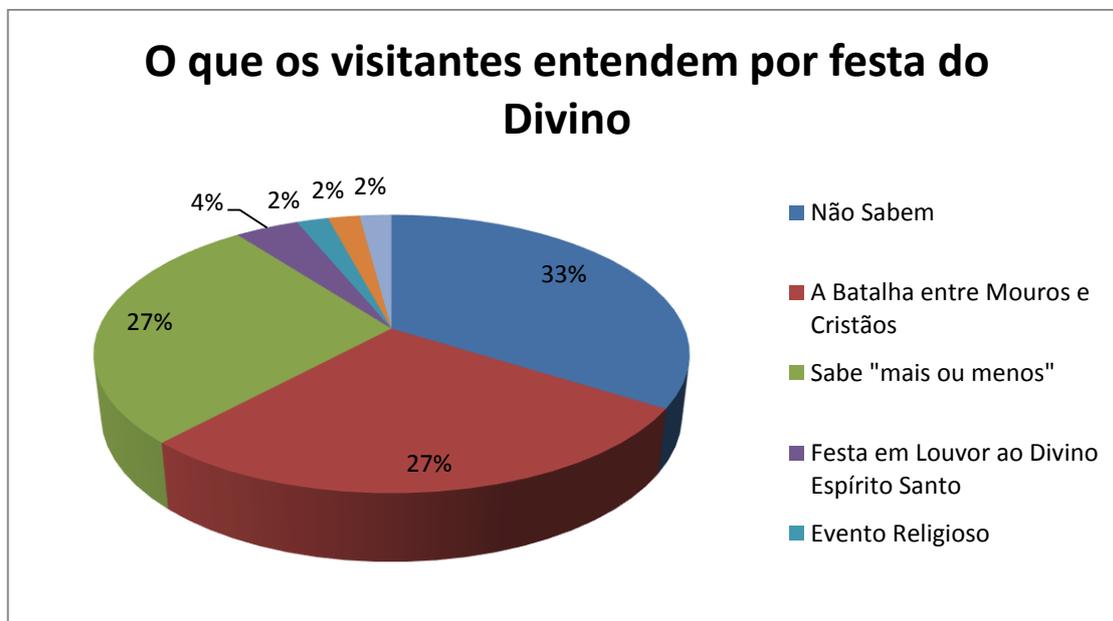
Entretanto, quando combinamos a análise dos dados acerca do motivo da viagem com os dados obtidos sobre a lucidez com que o visitante presencia a Festa e quantidade de vezes que o mesmo esteve em Pirenópolis, foi verificado um debate. Apesar de termos um significativo número de visitantes que veem a Pirenópolis devido a Festa; e 58% dos entrevistados em 2012 terem visitado a cidade pelo menos três vezes ou mais, percebemos que 60% dos entrevistados não conhecem a história da Festa em si, não participando da mesma de uma forma lúcida, resumindo os acontecimentos à meros espetáculos.

Essa afirmação ainda pode ser reforçada pelos dados obtidos na Figura 01, que expressa como os visitantes ficam sabendo da Festa. Embora o número de mídias que tem as celebrações do Divino como propaganda de parte da identidade goiana, e o Iphan ter desenvolvido uma mídia de caráter pedagógico a respeito da Festa, o poder de alcance dessas mídias são ineficientes. O marketing de tal Festa precisa ser mais trabalhado e dispor de outros recursos que não apenas mostrem imagens fragmentadas desse patrimônio, mas que também o explique.

Em 2012, a seguinte pergunta foi feita aos entrevistados: “ O que você entende por Festa do Divino de Pirenópolis? ”. A partir da análise das respostas obtidas, levanta-se a hipótese de que parte significativa dos visitantes não compreende ou conhece a Festa do Divino Espírito Santo em seu total,

apenas o seu auge, que acontece no domingo de Pentecostes e nos dois dias seguintes com as Cavalhadas.

Figura 02. O que os visitantes entendem por Festa do Divino de Pirenópolis



Fonte: Banco de Dados do Grupo de Pesquisa em Turismo e Gastronomia Canela D'Éma da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pirenópolis.

Outro dado levantado em 2012 foi a intenção de retornar à cidade durante a Festa do Divino. Do universo de 45 entrevistados 87% deles teriam intenção de retornar não apenas a cidade, mas durante o Festejo especificamente. Os entrevistados também avaliaram as Festividades, sendo que 95% das respostas foram positivas, sendo que 42% a classificaram como “ótima”. Esse item ainda ganha embasamento na aprovação quando os entrevistados são perguntados quantas vezes já estiveram presentes durante os Festejos, sendo que do total de 45 entrevistados, 21 deles estão frequentando o festejo pela segunda vez, ou esteve presente mais vezes.

Ao perguntarmos os entrevistados sobre o que mais teria chamado a atenção deles com relação à Festa, foi percebido mais de uma resposta por entrevistado. Todavia, o que mais chama a atenção dos visitantes são os Mascarados, seguidos pelas Cavalhadas, fogos de artifícios e quantidade de cavalos. Sendo a figura do Mascarado a mais chamativa da Festa, logo se entende o motivo da sacralização dessa personagem em estátuas espalhadas estrategicamente em pontos turísticos da cidade, e o motivo da máscara estar presente como artefato decorativo em grande parte dos estabelecimentos comerciais e hospitaleiros da cidade. A figura do mascarado também cativa os moradores devido à sua irreverência durante as Festividades do Divino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados, apontar-se-á duas afirmações: Existe uma demanda turística que, apesar de não ser exorbitante tanto quanto a demanda existente em outras ocasiões como o Carnaval existente na cidade, movimentada a cidade durante as Festividades; e a taxa de aprovação desse público perante o Festejo Popular é significativamente boa, mostrando o potencial que a Festa enquanto atrativo turístico tem de cativar seus visitantes. Todavia, uma pesquisa mais detalhada deve ser feita para melhor analisar a expectativa que esse visitante tem perante o festejo. É salutar considerar também a visão que o morador possui perante a presença desses visitantes na Festa, pois sabemos que o Turismo enquanto fenômeno tem um grande poder de transformação tanto na paisagem quanto no âmbito cultural, podendo acarretar, quando não bem gerido, em conflitos entre moradores e visitantes, além de interferir na essência cultural de tal manifestação.

Desta forma, percebe-se que o turismo na Festa do Divino em Pirenópolis está em estágio inicial. Ele ainda não é capaz de exercer mudanças significativas em seus enredos. E isso, poder-se-ia atribuir à tradição da cidade, pois, de certo modo, os moradores deixam bem perceptível que a Festa é, em primeiro lugar, uma manifestação local e uma Festa deles e para eles. No caso de uma crescente demanda turística durante as Festividades, seria de responsabilidade do visitante de se adequarem e se encaixarem no cronograma e nas atividades da Festa; não sendo obrigação da Festa mudar sua tradição e seus cronogramas em função dessa demanda turística.

A partir desses formulários aplicados durante a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, é possível perceber o potencial que o município possui para desenvolver o nicho de turismo cultural. Essa atividade poderia complementar a geração de divisas da cidade, além de se tornar uma importante ferramenta de propagação e difusão dessa cultura enquanto patrimônio imaterial cultural brasileiro.

Para isso, elencar-se-á como responsabilidade das esferas públicas o gerenciamento e de práticas administrativas que auxiliem as relações: morador-Festa; visitante-Festa e morador-visitante. Assim, projetos de gestão devem ser estudados para que a atividade turística não cause impactos negativos na tradição local. É preciso também trabalhar de forma clara e mais abrangente os meios de divulgação da Festa, para que o visitante saiba distinguir os diversos folguedos que compõem esse mosaico festivo, diferenciando rituais religiosos das mundanidades e as diversas personagens que nessa Festa aparecem vestidos de grande tradição.

REFERÊNCIAS

Almeida MG de 2009. Nova “Marcha para o Oeste”: turismo e roteiros para o Brasil Central. In: Steinberg M (org.). *Territórios Turísticos no Brasil Central*. LGE Editora, Brasília.

- Assis WR 2007. *Os Moradores e as Representações de Goiás n'A Matutina Meiapontense (1830 - 1834)*. Dissertação de Mestrado, Goiânia.
- Batista O 2002. *Visões de Pirenópolis: o lugar e os moradores face ao turismo*. Dissertação de Mestrado, UFG Goiânia.
- Bertran P 1998. *Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil*. Ed. Da UCG, Goiânia.
- Brandão CR 1978. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Campanha de Defesa do Folclóre Brasileiro, Rio de Janeiro.
- Cascudo C 1972. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3ed. Tecnoprint, Rio de Janeiro.
- Chaul NNF 1997. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Ed da UFG / Ed. Da UCG, Goiânia.
- Chaul NNF 2001. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. 2ed. UFG, Goiânia.
- Corrêa MMS 2001. Naturalistas e Viajantes estrangeiros em Goiás (1800-1850). In: Chaul NF, Ribeiro PR (orgs.). *Goiás: identidade, paisagem e tradição*. UCG, Goiânia, pp.75–121.
- Curado JG da T, Lôbo TC 2011. Festas do Catolicismo Popular: Expressões Identitárias Presentes em Pirenópolis-Goiás. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura* 7(35):82-92.
- Faleiro FF, Lopes LM 2010. Aspectos da mineração e impacto da exploração de quartzito em Pirenópolis-GO. In *Ateliê Geográfico* 4(3). [cited 2012 may 24]. Available from: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ateliê/article/view/16655/10101>.
- Jayme J 1971. *Esboço Histórico de Pirenópolis*. UFG, Goiânia, vol. I e II.
- Lôbo TC, Silva AMC, Miranda RM, Triers Filho LE, Lôbo SB 2014. Perfil do Turista que frequenta Pirenópolis/Goiás. *Revista Plurais – Virtual* 4(2):.
- Maia CES 2002. *Enlaces geográficos de um mundo festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro.
- Moreyra OS 1987-88. O olho que vê o mundo. *Boletim Goiano de Geografia* 7/8(1/2):.
- Oliveira EC 2011. “Vivendo sem um Tostão Furado”: O uso Cotidiano do Dinheiro em Goiás (1808 - 1848). *Revista de História Regional* 16(1):602–629.
- Oliveira NS, Yasoshima JR 2002. Antecedentes das viagens e do turismo. In Rejowski M (org.). *Turismo no percurso do tempo*. Aleph, São Paulo.
- Palacin L 1994. *O século do ouro em Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. 4ed. UCG, Goiânia.
- Polonial J 2006. *Terra do Anhangüera: História de Goiás*. 3ed. Kelps, Goiânia.
- Silva MM da 2001. *A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. AGEPEL, Goiânia, p. 229.

Tourism in Popular Festivities: the case of the holy Divine Spirit

ABSTRACT

The Holy Divine Spirit Festival in Pirenópolis-Goiás has been receiving large number of researchers and tourists. Therefore, this article is a reinterpretation of the data obtained from forms applied with tourists during the festivities in honor of the Holy Spirit in Pirenópolis-Go in the years 2010 and 2013, aiming succinctly to expose the vision this tourist has face this popular celebration. The data presented here are the result of efforts by members of the Research Group Canela D'Emá, linked to the State University of Goiás, Campus Pirenópolis in Scientific Initiation Project: Research in Tourism Demand in Pirenópolis. Analysis of data developed by Professor Dr. Tereza Caroline Lobo and her mentees.

Keywords: Tourism; Culture; Feast of the Divine; Pirenópolis.

Submissão: 20/10/2014
Aceite: 30/06/2015